

Carlos Moura/CB

**FICBRASÍLIA**

SESSÕES DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE BRASÍLIA ATRAEM 5 MIL PESSOAS NO FERIADÃO. MUITOS CINÉFILOS TIVERAM DIFICULDADE PARA DEFINIR O QUE VER, ENTRE TANTOS TÍTULOS EM EXIBIÇÃO

# FOME DE CINEMA

TIAGO FARIA  
DA EQUIPE DO CORREIO

O cinéfilo típico, aquele que não se acalma enquanto não assiste a quase todos os filmes em exibição no circuito de cinemas, recebe todo ano do Festival Internacional de Cinema de Brasília (FicBrasília) um desafio perverso: desenhar uma programação particular a partir de oferta de títulos impossível de ser abarcada por completo. Para decidir-se entre algumas das 89 produções selecionadas na oitava edição da mostra, que segue até quinta-feira, o público mais esforçado precisa fazer escolhas às vezes cruéis. Atividade difícil para os mais aflitos por novas e raras imagens – mas inevitável. “É muito difícil optar por um filme só. São muitos, às vezes no mesmo horário. Sempre fica aquela sensação de perda”, observa Sílvia Alves, 39 anos.

Uma das 5 mil pessoas que freqüentaram as salas da Academia de Tênis entre quarta e sábado, a funcionária pública entende que, na mostra, não há como ver tudo o que se quer.

Mas é possível traçar um itinerário a partir de alguns critérios. No caso dela, conta a virulência jornalística de um *Wal-Mart*: o alto custo do preço baixo, que lança saraivada de críticas contra a rede de lojas norte-americana. E também a vantagem de assistir com antecedência a fitas que talvez demorem muito a entrar em cartaz. “Quando vejo a programação, fico imaginando quais vão demorar para chegar aos cinemas. Às vezes, até acerto”, brinca.

Em qualquer festival, há aqueles filmes que despontam desde o início como atrações imperdíveis, e outros que caem no gosto do público de forma um tanto imprevisível. Durante o final de semana, o público lotou as salas para acompanhar cartas marcadas como *The wind that shakes the Barley*, vencedor do Festival de Cannes neste ano (que atraiu quase 300 pessoas em apenas duas sessões), e elegeu preferências até surpreendentes – como o documentário brasileiro *Cartola*, de Lírio Ferreira e Hilton Lacerda, visto por 132 pessoas em uma sessão de sábado à noite. Mas, descontados os “mais pedidos”, o

## FAVORITOS DO PÚBLICO

- *A aura*
- *The wind that shakes the Barley*
- *O céu de Suely*
- *Cartola*
- *Crônica de uma fuga*
- *100 escovadas antes de dormir*

FicBrasília deste ano impressiona pela quantidade de sessões com boa freqüência de público. Até a retrospectiva do cineasta italiano Luchino Visconti leva média de 40 pessoas a cada um dos 12 longas programados. A exceção é a mostra Oscarito, à margem do falatório.

“O público está muito diversificado e muito interessado. As

sessões estão praticando o livre-arbítrio ao escolher os filmes a partir dos temas que interessam a elas”, observa Marco Farani, organizador da mostra. Daí explica-se a forma entusiasmada como, por exemplo, o documentário italiano sobre liberdade de expressão *Viva Zapatero!* foi recebido, com aplausos ao final de uma sessão lotada de sábado à noite. “Não vou ver *The wind that shakes the Barley* só por causa do hype”, nota o livreiro e escritor Luiz Buff, 33 anos. Com a meta de assistir a três filmes por dia, Luiz tem método próprio para não se perder na fartura do festival: dispensar as produções com previsão de estréia no circuito brasileiro e se concentrar em inéditos e em raridades. Para a mostra Visconti, comprou nove ingressos. “Sai caro, mas é como se fosse uma viagem de férias”, compara.

### Roubadas

Entrar nessa selva cinematográfica não dispensa alguns riscos. Um deles, já previsível para os cinéfilos mais experientes, é o de pagar R\$ 12 e descobrir, de última hora, que aquele filme

de Taiwan é exibido em cópia de qualidade duvidosa, às vezes em vídeo e com confusão de legendas. Frustração enfrentada pelo público de *Murmúrio da juventude*, e alguns títulos da mostra de Visconti e do documentário israelense *5 dias*. No caso de *Wal-mart*, a versão em DVD mostrava na tela a indicação de que aquela cópia estava protegida e não poderia ser exibida ao público. De acordo com Farani, problemas como esses serão resolvidos nesta última semana de festival. “Não recebemos em tempo a cópia em beta de *Wal-mart*, e por isso decidimos exibir em DVD. Mas o produtor do filme vai chegar com a fita correta”, explica.

Além de Devin Smith (de *Wal-mart*), produtor do documentário, o início da semana receberá os convidados internacionais do FicBrasília, até então ausentes da mostra. O ator Nicola Adamo (de *Jimmy da Colina*), os diretores argentinos Alejo Moguillansky (*A prisioneira*) e Leonor Benedetto (*O bom destino*) completam a lista, que, segundo Farani, poderia ter sido mais extensa.

“Muitos confirmaram a vinda e cancelaram de última hora.” Entre os brasileiros que concorrem ao Troféu Itamaraty, estão confirmados Otto Guerra (*Wood & Stock – Sexo, orégano e rock’ n’roll*), Edgard Navarro (*Eu me lembro*) e Tata Amaral (*Antonia*). O que serve de estímulo para cinéfilos ainda perdidos na programação da mostra: as apresentações dos convidados, antes das sessões, às vezes até valem todo o preço do ingresso.

## 8º FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE BRASÍLIA (FICBRASÍLIA)

Mostra de filmes estrangeiros e brasileiros. Até quinta-feira, nas salas do Cine Academia, na Academia de Tênis (Setor de Clubes Esportivos Sul, Tr. 4, Lt. 1B, 3316-6376). Ingressos: R\$ 12 e R\$ 6 (meia). 18 anos.

## SALDO POSITIVO

● Nos primeiros cinco dias de mostra, a multidão de cinéfilos que formou fila nas salas da Academia de Tênis enfrentou alguns tropeços da organização, mas a vontade a paixão pelo cinema falou mais alto.

### Pontos altos

● A opção por exibir na casa de espetáculos Academia Hall (com 3 mil lugares) as obras mais concorridas mostrou-se acertada, e poupou o público do temido aviso “lotação esgotada”. O argentino *A aura*, por exemplo, levou 239 pessoas àquela sala na quinta-feira à noite.

● A presença reduzida de convidados internacionais foi compensada por momento inspirado logo na quinta-feira: a apresentação bem-humorada do diretor polonês Krzysztof Zanussi, antes do filme *O ano do sol tranqüilo* (1984), preparou o público para uma das produções mais

queridas da seleção.

● A exibição de filmes ainda sem previsão de estréia no circuito brasileiro continua um dos grandes atrativos do festival. A safra manteve o nível dos anos anteriores, com surpresas como o drama norte-americano *Half Nelson* e o documentário italiano *Viva Zapatero!*

### Pontos baixos

● Além do tiro no escuro de escolher entre 89 filmes, o público também contou com a sorte para escapar das cópias em baixa qualidade, em vídeo e com interferências no som, realidade de produções como *5 dias* e *Murmúrio da juventude* – essa última, tirada de cartaz

depois de irritar a platéia.

● Os atrasos no começo das sessões foram controlados durante o fim de semana, mas incomodaram nos primeiros dias da maratona. Com *Os deuses malditos*, de Visconti, foram 40 minutos de espera. A cópia digital de *Os gigolôs*, no sábado, foi interrompida quatro vezes. Aos cinéfilos, paciência.

● O maior pesadelo de quem compra ingressos antecipados é o cancelamento de sessões, e a edição deste ano derrapou no rigor: no domingo, todas as horas do Academia Hall foram canceladas. A explicação: a sala estaria reservada para um evento fechado.

## DESTAQUES DA SEMANA

### ANTONIA

O retorno da diretora paulista Tata Amaral, de *Um céu de estrelas* e *Através da janela*, aponta para mudança de tom: da claustrofobia dos primeiros filmes para o drama arejado de quatro mulheres negras que vivem na periferia de São Paulo. Narra a jornada musical de Antônia (interpretada por Negra Li), que enfrenta o machismo da comunidade na liderança de um grupo de rap. Quinta, às 21h20 (Cine 6)

### VIVA ZAPATERO!

Com certa filiação ao clube de documentaristas agitadores de que participam um Michael Moore (*Fahrenheit 11 de setembro*) e um Morgan Spurlock (*Super size me*), a humorista italiana Sabina Guzzanti ataca a censura do governo Silvio Berlusconi com o relato do escândalo de programa satírico de tevê impedido de ir ao ar. A contundência estridente do discurso de Sabina tira riso

amargo de defesa desesperada da liberdade de expressão. Hoje, às 19h20 (Cine 1); amanhã, às 17h30 (Cine 3); e quinta, às 21h30 (Cine 1)

### UM BOM ANO

Acostumado a produções como *Gladiator*, Ridley Scott tirou férias dos grandes espetáculos com *Um bom ano*, drama introspectivo sobre investidor londrino (Russell Crowe) que muda de vida para cuidar de vinícola herdada do tio. Notar como o cineasta de *Blade Runner* e o astro de *Uma mente brilhante* se adaptam a trama modesta pode apontar para o maior charme da fita. Hoje, às 21h30 (Cine 8); e quinta, às 19h (Cine 7)

### O CÉU DE SUELY

Um dos filmes brasileiros merecidamente mais festejados do ano, a segunda obra de Karim Ainouz (*Madame Satã*) recorre a narrativa econômica

para contar o limbo de Hermila (vívuda por Hermila Guedes), que questiona os valores conservadores da cidadezinha do sertão cearense, enquanto planeja fuga desesperada. Solta em fiapos, a trama é amarrada em desfecho de fina melancolia. Hoje, às 21h (Cine 9); e amanhã, às 19h (Cine 10)

### IMPEDIMENTO

Em filmes como *O espelho* e *O círculo*, Jafar Panahi revelou atenção para os pequenos e grandes dramas femininos do Irã. Sem maniqueísmo, leva a esse projeto a um cenário caótico e irônico em *Impedimento*, sobre as aventuras de meninas que, vestidas de homem, tentam assistir a decisiva partida da seleção do Irã. Filmado durante o jogo, convida o público a jogo esportíssimo: seria possível separar o documentário da ficção? Hoje, às 21h (Cine 7); e amanhã, às 17h (Cine 7)